

## LITERATURA COMO PROPOSTA DIDÁTICA PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA

**Gustavo Gabriel Garcia**

gustavogabriel009@hotmail.com<sup>1</sup>

### Resumo

*O presente artigo busca abordar a importância da literatura no ensino de geografia, e como ela pode auxiliar no processo ensino-aprendizagem, de forma interdisciplinar, permitindo ao aluno desenvolver seu campo de saberes de forma efetiva, cooperando para aprendizagem integral e reflexiva dos conteúdos geográficos. No decorrer do artigo é feita uma breve reflexão sobre geografia e literatura e uma análise do romance “Vidas Secas” de Graciliano Ramos, publicado pela primeira vez em 1938, pela Editora José Olympio. Esta obra possibilita desenvolver uma gama ampla de conteúdos geográficos na área do ensino, com base nos conteúdos estruturantes do ensino de geografia. O artigo foi elaborado mediante levantamentos bibliográficos, através de leituras de artigos e livros que contribuíram para reflexão. Dessa forma o artigo busca contribuir para o avanço do ensino de geografia, superando as velhas práticas conteudistas e de memorização, que por muito tempo permeou o ensino tradicional.*

**Palavras-chaves:** Cultura; Aprendizagem; Narrativa.

### Introdução

O presente artigo que delineará nas linhas que se seguem, foi estruturado com intuito de oferecer uma abordagem alternativa de investigação para o ensino de Geografia, neste sentido, busca-se auxiliar a apropriação do saber geográfico, utilizando livros de literatura nacional, mais especificamente a obra “Vidas Secas”, que apresenta enredo regionalista, além das descrições humanas e naturais, presente em diversas outras obras da literatura brasileira, as quais apresentam potenciais para trabalhar temas centrais da geografia como, por exemplo, êxodo rural, conflitos regionais, urbanização e marginalização, além de categorias de análises, por exemplo, lugar, espaço, território, região e paisagem. A interdisciplinaridade entre

---

<sup>1</sup> Licenciado em Geografia pela Universidade Estadual de Maringá, e atualmente bolsista pela CNPq na pós-graduação em geografia pela Universidade Estadual de Maringá. O artigo foi elaborado visando novas possibilidades para o ensino de geografia, e apresentado como conclusão do curso de Geografia, pela Universidade Estadual de Maringá (UEM).



Geografia e Literatura possibilita a aprendizagem de fatos geográficos, o qual pode ser desenvolvido por meio do diálogo entre o aluno e a obra literária, intermediada pelos saberes geográficos ensinados pelo professor, motivando a reflexão e a construção do conhecimento. Segundo Antunes (2005, p. 31), “[...] a literatura é um dos recursos capazes de levar os indivíduos à reflexão sobre os conflitos sociais e psicológicos do homem, e nada melhor para isso do que introduzir essa literatura já na infância, levando-a para a sala de aula [...]”.

A abordagem tem sua fundamentação teórica na Geografia cultural, mais especificamente humanística, por oferecer princípios de compreensão do homem com a terra, o qual permite investigar o objeto da ciência geográfica enquanto aos fenômenos naturais, sociais e culturais, a partir da experiência. Compreende-se, portanto, que o estudo e a apreensão dos fenômenos geográficos podem ser realizados por meio da literatura, pois coloca em evidência a experiência existencial do ser humano, através da narrativa. Segundo Monteiro (2002, p.91) “é em nome de um “novo humanismo” que as relações entre Literatura e geografia podem trazer uma preciosa ajuda”, tanto para pesquisa como para o ensino, pois a literatura bem como arte possuem várias dimensões, que permitem pensar a realidade. De acordo com Barbosa:

[...] a Arte possui uma importante dimensão histórica de leitura do espaço socialmente produzido e se traduz como um instrumento de percepção e reconhecimento da realidade. [...] A obra de arte pode ser uma interrogação da vida e da história e, ao mesmo tempo, uma possibilidade de resposta. Mais do que um segredo da criação subjetiva ou pura expressão da sensibilidade humana é a arte capaz de apresentar um lado ignorado ou mesmo esquecido do mundo habitado pelos homens (BARBOSA, 2000, p. 69-70).

A partir da ótica da geografia humanística é possível explorar a obra de Graciliano Ramos, “Vidas Secas”, publicado originalmente em 1938, afim de, levantar questões pertinentes ao ensino de geografia e temáticas afins.

### **Métodos e Objetivos**

O presente artigo foi elaborado através de levantamentos bibliográficos, que possibilitou trabalhar a literatura pelo viés da geografia cultural, buscando compreender as relações possíveis entre ambas. Após o levantamento bibliográfico foi realizada uma reflexão sobre a importância da literatura como recurso didático no ensino de geografia. Dessa maneira, o artigo contribui para o avanço do ensino de geografia no sentido de superar as velhas praticas conteudistas de memorização, que não possibilita ao aluno aprender de maneira efetiva e

afetiva. Após as considerações sobre a relação entre Geografia e Literatura, realizou-se análise do romance “Vidas Secas” de Graciliano Ramos, o qual possui varias potencialidades para o ensino e aprendizagem dos conteúdos geográficos, tornando-se referência do presente escopo.

Objetivo do artigo é refletir sobre a relação entre a geografia e literatura, e como essa relação pode cooperar para aprendizagem dos conteúdos geográficos, utilizando como exemplo a obra “Vidas Secas”.

### **Fundamentação teórica**

A geografia cultural nas últimas décadas tem se aproximado de novas abordagens de cunho psicológico social, a fim de compreender a relação do homem com seu ambiente, além de abordagens filosóficas, antropológicas e fenomenológicas.

De acordo com Tuan a geografia é a ciência que estuda a terra, pois é de fundamental importância o homem conhecer o planeta em que habita, dessa maneira Tuan desenvolve uma abordagem mais humanista através da relação do homem com a natureza, pois ao mesmo tempo em que o homem modifica o meio, ele também se modifica enquanto sujeito, e nessa relação homem e meio, existe uma gama de outras relações como, por exemplo, sentimentos, comportamento, ideias que passam a animar o homem. Dessa forma a geografia humanística “procura um entendimento do mundo humano através do estudo das relações das pessoas com a natureza, do seu comportamento geográfico bem como dos seus sentimentos e ideias a respeito do espaço e do lugar” (TUAN, 1982, p. 143 ). Dessa forma a geografia de cunho humanístico passa a valorizar a experiência humana, e tratando a mesma como meio de apreensão do espaço geográfico. A partir desse movimento a literatura passa a ser uma fonte relevante para compreensão do espaço do homem.

### **Relação da geografia cultural com a literatura**

A geografia e a literatura apresentam pontos de intersecções, que se cruzam na leitura do espaço geográfico, nas relações intersubjetivas, “enfazando espacialidades e materialidades ou apostando nas geograficidades, quando estão em causa imaterialidades (simbolismo, imaginário, sentidos, identidades, afetividade)” (JACINTO, 2015, p. 9)”.



Nesse sentido os geógrafos se assemelham aos literatos, que buscam na paisagem, naturais e humanas, as inspirações para escrever, “enquanto locais comuns de investigação ou fontes de inspiração para as respectivas obras.” ( JACINTO, 2015, P.11).

A literatura oferece aos geógrafos a possibilidade de superar a leitura meramente positivista do espaço geográfico, a quantificação a qualquer custo e as explicações mecanicistas, reducionista e simplista, que relega os aspectos humanos ao segundo plano. É necessário superar o dogmatismo promovido pelo método positivista e avançar no modo de compreender as relações humanas no espaço.

Dessa forma pode-se conceber a arte e a literatura, como fonte para interpretar o espaço, pois a mesma manifesta a cultura humana e as diversas visões de mundo.

Essa geografia direcionada para investigação humana que busca na literatura as representações espaciais promove a dialogicidade entre vários campos do saber, possibilitando o avanço da ciência, pois permite analisar os espaços em suas múltiplas significações. De acordo com Haesbaert:

[...] como um livro a decifrar – seja como obra científica, eu diria, seja como um romance ou um poema. Porque cada cultura, cada grupo e às vezes até mesmo cada indivíduo preenche seu espaço não apenas como um conjunto de instrumentos e utilitários, mas também de emoções e de sensibilidades. (HAESBAERT, 1997, p. 30)

É possível identificar na citação a cima a íntima relação entre os aspectos materiais e imateriais, pois o espaço geográfico é constituído de inúmeros fenômenos, que se manifestam de diversas formas, produzindo mudanças materiais e também ontológicas. A literatura por representar aspectos da consciência humana, e formas de relacionamento do homem com meio, possibilita a compreensão da realidade de determinadas regiões.

A geografia cultural em suas análises supera a dicotomia entre natural e humano, integrando ambas em uma leitura do espaço manifesto na obra, possibilitando a reflexão dos aspectos ali presente.

A Literatura apresenta potencial riquíssimo para os geógrafos que buscam apreender sobre costumes, hábitos, relações sociais, visão de mundo e determinados comportamentos em épocas diferentes, além de permitir análises de conceitos como paisagem, território, lugar e espaço, os quais se apresentam ao leitor como plano de fundo na narrativa. Cabe ao geógrafo fazer a interpretação da narrativa a fim de levantar novas indagações que proporcione novas

maneira de conceber a relação homem- meio em diferentes épocas. A subjetividade, o enredo das narrativas torna o homem consciente de si, e esse processo possui uma vivacidade que transmite ao leitor além das ações dos personagens, suas visões de mundo e toda uma gama de sentimentos.

As abordagens de obras literárias através de um viés geográfico datam de 1940 principalmente por geógrafos franceses, eles procuravam fazer investigações a fim de compreender aspectos sociais, principalmente em romances, contos, e crônicas. A literatura se torna uma rica fonte bibliográfica, principalmente o romance.

As análises de obras literárias não requer o abandono dos conhecimentos científicos geográficos, mais sim seu inverso, pois demanda um refinamento teórico conceitual e linguístico a fim de produzir uma análise que expõe a essência da obra e ao mesmo tempo da ciência geográfica, não vulgarizando-se.

Nesse sentido é de fundamental importância trabalhar conteúdos geográficos com alunos de ensino médio utilizando literatura, pois promove a ampliação de categorias de análises, contribuindo para formação crítica e domínio das linguagens. Para que o ensino seja efetivo é necessário relacionar a obra escolhida com os conteúdos trabalhados em sala, e o cotidiano do aluno, em uma relação construtivista que possibilite ao aluno desenvolver uma análise crítica correlacionando os fatos apresentado pelo autor na obra literária, e o conteúdo em sala e sua realidade. Esse processo condiciona interação do universo ficcional com a realidade do aluno, intermediado pela ciência geografia, resultando em aprendizagem profunda sobre os aspectos humanos e naturais, ou seja: “Ela não corrompe nem edifica, portanto, mas, trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver. (CANDIDO, 2002, p.85)”.

O Brasil possui diversas obras literárias que retrata as riquezas das regiões brasileiras, e suas diversas culturas. Os escritores como, por exemplo, Bernardo Guimarães, Franklin Távora, Graciliano Ramos e Euclides da Cunha entre tantos outros, buscaram na paisagem que os cercavam e nos conflitos sociais inspiração para escrever e retratar essa experiência, de modo a manifestar a identidade da região e sua substância: Segundo COUTINHO:

Essa substância decorre, primeiramente, do fundo natural; clima, topografia, flora, fauna etc. como elementos que afetam a vida humana na região; em



segundo lugar, das maneiras peculiares da sociedade humana estabelecida naquela região e que a fizeram distinta de qualquer outra. Este último sentido é o regionalismo autêntico (COUTINHO, 1995, p.202).

A obra literária não pode ser analisada em partes, pois ela é resultado de um todo, representado pelo autor, que busca expor a realidade em sua complexidade, através de enredos que pretendem mostrar o que é invisível aos olhos humanos, no entanto percebido e sentido conscientemente, como os sentimentos, a experiência dos personagens no espaço-tempo. Segundo BARCELOS:

[...] ele não é um discurso científico, logo não diz a mesma coisa e nem apresenta a mesma forma que aquele. Por isso, ele não pode ser tratado como uma ferramenta, mas deve ser respeitado em sua especificidade. (BARCELOS, 2009, p. 44).

Utilizando a literatura pode se ensinar geografia, porém é necessário que o professor tenha pleno domínio do conteúdo e sempre que possível trabalhar com a interdisciplinaridade a fim de instigar o aluno a aprender.

## Resultados e Discussão

O livro *Vidas Secas* de Graciliano Ramos foi seu quarto romance, a primeira publicação data de 1938 pela Editora José Olympio, com localização no Rio de Janeiro. O livro é composto por 13 capítulos que podem ser analisados separadamente, pois não possuem uma linearidade temporal. No entanto, o primeiro capítulo “Mudança” e o último “Fuga”, devem ser lidos nesse seguimento, pois representam o liame que fecha o ciclo da obra.

O livro conta a história de uma família de retirantes, formado pelo pai “Fabiano”, sua esposa “Sinhá Vitória” os dois filhos do casal “Filho mais novo” e “Filho mais velho” e a cadela “Baleia”, que constantemente estão fugindo da seca do sertão nordestino, em busca de melhores condições de vida.

No primeiro capítulo intitulado “Mudança” é possível observar uma breve descrição da paisagem que contrasta com a natureza humana dos personagens, despertando sentimentos e sensações de miséria e escassez. “Na planície avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos” (RAMOS, 2003, P. 9). Em seguida caracteriza a seca e a rala vegetação e diz que “A folhagem dos juazeiros apareceu ao longe, através dos galhos pelados da caatinga rala” (RAMOS, 2003,

P. 9). Durante o primeiro capítulo o autor caracteriza o ambiente hostil, e sua influência sobre a família de retirantes. O autor descreve nas seguintes palavras “A caatinga estendia-se, de um vermelho indeciso salpicado de manchas brancas que eram ossadas. O voo negro dos urubus fazia círculos altos em redor de bichos moribundos” (RAMOS, 2003, P. 9).

A descrição do autor transparece certo determinismo ambiental, pois a família de retirantes é diretamente influenciada pelo ambiente, até mesmo suas mais simples atitudes, no decorrer do primeiro e segundo capítulo é possível notar certa relação das características psicológicas de “Fabiano” com ambiente hostil, pois o mesmo apresenta atitudes brutas e rude com seus familiares, apresentando diálogos escassos com os mesmos, refletindo a aridez da caatinga, em um determinado momento ele reflete sobre a sua condição “ - Você é um bicho, Fabiano. Isto para ele era motivo de orgulho. Sim senhor, um bicho, capaz de vencer dificuldades” (RAMOS, 2003, P. 19).

No decorrer das aulas de geografia o professor pode estar orientando os alunos a lerem os dois primeiros capítulos da obra “Vidas Secas” e pedindo uma análise integrada do natural e humano na formação da paisagem, e suas características mais marcantes, e a relação dos personagens com o ambiente, se é determinista ou possibilista.

A partir de uma breve introdução durante aula de geografia sobre a região nordeste e domínio morfoclimático, especificamente sobre a Caatinga, indicar a leitura da obra “Vidas Secas”, que denuncia à vida sofrida dos retirantes nordestinos que sofrem com a seca e falta de políticas públicas que possam garantir seus direitos básicos enquanto cidadão, e em seguida fazer uma pesquisa sobre a distribuição dos recursos naturais nessa região e como é gerenciada a água. Esse método de análise contribui para a desmistificação da imagem naturalizada que o aluno trás consigo da região nordeste, uma forma estereotipada de pensar.

O discurso da estereotipia é um discurso assertivo, repetitivo, é uma fala arrogante, uma linguagem que leva à estabilidade acrítica, é uma fala segura e auto - suficiente que se arroga o direito de dizer o que é o outro em poucas palavras. O estereótipo nasce de uma caracterização grosseira e indiscriminada do grupo estranho, em que as multiplicidades e as diferenças individuais são apagadas, em nome de semelhanças superficiais do grupo (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1999, P.22).

A imagem da região nordeste para muitos representam pobreza, miséria, escassez de água e morte, devido a sua condição natural hostil, no entanto é um discurso estereotipado



construído e cristalizado pelos brasileiros, através dos meios mediáticos, que escondem a verdadeira causa da pobreza, a falta de políticas públicas e programas de desenvolvimento social, que cooperem para implantação de infraestrutura e distribuição de renda. Por meio do ensino de geografia, com auxílio da literatura é possível superar as falsas dicotomias.

Nesse primeiro momento a obra “Vidas Secas” permite a abordagem do conceito de paisagem, e das mazelas sociais que afligem os retirantes nordestinos.

Em “Vidas Secas”, Graciliano Ramos, externa o problema das secas no sertão e da exclusão social. Sua narrativa evidencia dois tipos de paisagens: a paisagem concreta, física e material, comumente percebível por todos e evidenciada pela descrição fisionômica do ambiente. E aquela paisagem abstrata, subjetiva e individual, evidenciada pela descrição das lembranças dos personagens, suas angústias e apego ao sertão, mesmo diante da calamidade da seca (BARBOSA, L.G.; GONÇALVES, D. L., 2010, P. 96).

A obra “Vidas Secas” permite análise da cidade na ótica dos retirantes, principalmente no capítulo 3 “Cadeia”, capítulo 8 “Festa” e capítulo 10 “Contas”. O capítulo 3 expõe a malandragem dos comerciantes da cidade, que sempre estão procurando trapacear e alterar seus produtos afim de enganar os caboclos que vem das fazendas para comprar os produtos básicos. “Fabiano” se vê em uma situação que está sempre sendo prejudicado [...], “ Mas o querosene de seu Inácio estava misturado com água, e a chita da amostra era cara demais [...]. Á tarde puxou o dinheiro, meio tentado, e logo se arrependeu, certo de que todos os caixeiros furtavam no preço e na medida” (RAMOS, 2003, P. 19).

A cidade também é lugar do governo, que é representado pelo “Soldado Amarelo”, que é autoridade e malandro, sempre buscando seus próprios interesses, e punindo os moribundos, quando o “Soldado Amarelo” puni “Fabiano” com um dia na prisão. “ E, por mais que forcejasse, não se convencia de que o soldado Amarelo fosse governo. Governo, coisa distante e perfeita, não podia errar (RAMOS, 2003, P. 33)”. Essa passagem retrata a distância do governo da vida dos retirantes e de suas necessidades, propiciando a imaginação ideal e perfeita do governo pelos retirantes.

No capítulo 8 “Festa” autor narra a tradição cristã dos personagens de ir a igreja no natal, e a forma de como eles se viam em meio a população urbana. “Os meninos também se espantavam. No mundo, subitamente alargado, viam “Fabiano e Sinhá Vitória” muito reduzidos, menores que as figuras dos altares. Não conheciam altares, mas presumiam que aqueles objetos deviam ser preciosos” (RAMOS, 2003, P. 74). Os personagens sentiam-se



inferiores, falavam pouco, e logo pensavam que todos que ali estavam eram pessoas espertas e malandras, a fim de se defenderem tornavam-se carrancudos. “Comparando-se aos tipos da cidade, Fabiano reconhecia-se inferior. Por isso desconfiava que os outros mangavam dele. Fazia-se carrancudo e evitava conversa. Só lhe falavam com o fim de tirar-lhe qualquer coisa” (Ramos, 2003, P. 76).

“Fabiano” se sentia lesado por aqueles que moravam na cidade, além de seu patrão que ali também morava, pois pensava que a fala difícil era para ludibriar, e tomar o pouco que lhe restava.

Os caixeiros, os comerciantes e o proprietário tiravam-lhe o couro, e os que não tinham negócios com ele riam vendo-o passar nas ruas, tropeçando. Por isso desviava daqueles viventes. Sabia que a roupa nova [...] o tornavam ridículo [...] Estava convencido que todos os habitantes da cidade eram ruins. (RAMOS, 2003, p. 76).

No capítulo 10 “Contas” o personagem “Fabiano” vai até a cidade para receber seu salário, porém sempre é menos que ele imaginava, e como não sabe contar e nem ler, não conseguia argumentar com patrão, aceitando o pouco que lhe resta. “Reclamou e obteve a explicação habitual: a diferença era proveniente de juros” (RAMOS, 2003, P. 94). Em um segundo momento “Fabiano” levou pedaços de carne suína até a cidade para vender, porém foi abordado pelo agente da prefeitura, impedindo-o de vender a carne, se não pagasse o imposto, porém “Fabiano” não entendia o que era imposto, e assim resolveu voltar para casa com a carne. “Supunha que o cevado era dele. Agora se a prefeitura tinha uma parte, estava acabado. “Pois ia voltar para casa e comer a carne” (RAMOS, 2003, P.96).

Os personagens alimentavam a esperança de ir para uma cidade grande, na qual poderiam estudar seus filhos, e conseguir um trabalho, deixando aquela vida sofrida, e concedendo um futuro melhor para seus filhos.

“Mudar-se-iam depois para uma cidade, e os meninos frequentariam escolas, seriam diferentes deles” (RAMOS, 2003, p. 125). A “terra desconhecida e civilizada” que alcançariam no sul seria “Uma cidade grande, cheia de pessoas fortes. Os meninos em escolas aprendendo coisas difíceis e necessárias”. (RAMOS, 2003, p. 126).



Durante a leitura da obra “Vidas Secas” é possível fazer uma análise do meio rural e urbano e seu papel na vida dos personagens principais. A cidade se caracteriza pelo mercado que busca a todo o momento o lucro; pelas festividades religiosas que reúnem diversas pessoas, além do governo que está constantemente impondo condições desiguais e cobrando impostos exorbitantes e punindo os que desacatam sua autoridade, por fim a cidade é lugar do patrão. Além disso, os moradores da cidade são visto por “Fabiano” como malandros, que buscam enganar e ludibriar os vaqueiros.

Mas é também onde se concentra os serviços básicos, como escola, hospital e secretarias de assistência social, que desempenham um papel fundamental na vida dos cidadãos, os quais os retirantes não possuíam acesso. A falta de assistência no campo e as condições precárias condicionam o êxodo rural, que conduzem para as grandes cidades do Brasil milhares de trabalhadores rurais, resultado em uma urbanização desorganizada, em processo de periferização.

O meio rural é caracterizado por latifúndios, que se apropria da mão de obra dos retirantes, pagando salários irrisórios, e não oferecendo as condições mínimas para sobrevivência, no entanto é na zona rural que “Fabiano” se sente importante e prestativo. Como vaqueiro destemido e pronto a encarar qualquer coisa.

Nesse contexto o professor de geografia após uma aula sobre meio rural e urbano pode pedir ao aluno uma análise da obra “Vidas Secas”, abordando as condições de vida dos retirantes no meio rural, caracterizado por latifúndios e exploração do trabalho infantil, e suas mazelas.

O livro “Vidas Secas” também permite analisar a vida dos retirantes, que estão constantemente fugindo da seca, procurando melhores condições de vida, uma realidade que pulsa no coração do Brasil, um flagelo que assola a vida de milhares de pessoas, intitulado fome. A leitura do livro tem tom de denúncia, expondo a realidade dos retirantes.

A obra pertence à geração modernista que se iniciou em 11 de fevereiro de 1922, com a semana de arte moderna em São Paulo. No entanto a obra está mais ligada a segunda fase do modernismo denominada de regionalismo, o qual é caracterizado pelo cunho crítico de viés marxista e da psicanálise freudiana, que busca denunciar e relatar o sofrimento dos oprimidos, vencidos e moribundos, que são esquecidos pela ciência erudita e pelo modelo de produção capitalista.

A obra é marcada por uma escrita pouco sofisticada, e seus capítulos não é linear, a narrativa são escrita em terceira pessoa, em alguns momentos as falas dos personagens se mesclam ao discurso do narrador em terceira pessoa. A obra possui poucos adjetivos, com objetivo de ser uma escrita seca, que represente o clima da região nordestina.

### **Considerações finais**

O artigo buscou em linhas gerais apresentar uma proposta didática para o ensino de geografia, utilizando a obra “Vidas Secas”, a fim de auxiliar na aprendizagem dos conteúdos geográficos.

O tema permite trabalhar conceitos de paisagem, cidade x campo, migração, relações de poder entre contratado e contratante, e a cultura nordestina, porém o professor deve ter pleno domínio do conteúdo a fim de orientar seus alunos e os instigar a ler a obra. É necessário avançar no ensino, e ir além de um ensino crítico e objetivo, que apesar de imprescindível não é suficiente para construção de uma formação humanista. De acordo com Armand Frémont:

É uma nova geografia que há que inventar, rompendo ainda divisórias entre disciplinas, com geógrafos abertos à literatura e à arte e homens de letras a par da geografia. As especializações actuais progridem muito pouco neste sentido. Em última instância, a pedagogia do espaço deve ser criativa. [...] sobretudo quando se impõe como objectivo a elaboração de documentos de síntese que fazem apelo a uma certa imaginação, ao mesmo tempo que ao espírito de análise. Mas é preciso ir mais longe, incitar à crítica do que existe, recusar a ordem do “standard”, suscitar a elaboração de projectos que dêem aos lugares habitados, aos espaços de reunião, às regiões a viver, as cores e as formas, as necessidades e os sonhos de imaginações jovens.

Descobrir o espaço, pensar o espaço, sonhar o espaço, criar o espaço... Uma pedagogia nova para um espaço [...] ( FRÉMONT, 1980, p.262)

No entanto existe um agravante que pode dificultar essa prática de ensino, como o número de aulas semanais por turma, todavia, o professor pode escolher textos menores, contos ou poemas, que facilitam e dinamizam a análise por serem menores, mas não menos complexos.

Cabe ao professore orientar os alunos em direção as novas descobertas, mostrando a importância dos conteúdos geográficos, e seu papel na desmistificação de estereótipos, além de apresentar conceitos como espaço, lugar, paisagem e território, dentro dos textos que os alunos terão contato, permitindo uma leitura crítica do espaço ficcional e real, cooperando para aprendizagem do espaço vivido.



## Referências bibliográficas

ANTUNES, W. **Lendo e formando leitores: orientações para o trabalho com a literatura infantil.** Circuito Campeão. São Paulo, Global, 2005.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e outras Artes.** Recife: FJN, Massangana, São Paulo: Cortez, 1999.

BARBOSA, J. L. **A arte de representar como reconhecimento do mundo: o espaço geográfico, o cinema e o imaginário social.** UFF, GEOgraphia, ano II, n. 3, p. 69-88. 2000.

BARBOSA, L.G.; GONÇALVES, D. L. **A paisagem em Geografia: diferentes escolas e abordagens.** *Élisée*, Rev. Geo. UEG – Anápolis, v.3, n.2, p.92-110, jul./dez. 2014.

BARCELLOS, F. R. **Espaço, Lugar E Literatura – O Olhar Geográfico Machadiano Sobre A Cidade Do Rio De Janeiro.** Espaço e Cultura, UERJ, n, p. 41-52. 25, Jan./Jun. 2009

CANDIDO. A. **Textos de intervenção.** São Paulo: Duas Cidades, 2002.

COUTINHO, A. **Introdução à Literatura no Brasil.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

FRÉMONT, A. **A Região Espaço Vivido.** Coimbra, Almedina. 1980.

HAESBAERT, R. **Território, poesia e identidade.** Revista Espaço e Cultura, Rio de Janeiro, n. 3, p. 20-32, 1997.

JACINTO, R. (D)**Escrever a terra: geografia, literatura, viagem. A Geografia de Portugal segundo José Saramago.** UFF, GEOgraphia, Ano. 17 -Nº33, p. 09-40, 2015.

MONTEIRO, C.A.F. **O Mapa e a Trama: ensaios sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas.** Florianópolis: Ed. UFSC, 2002.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas.** 36. Ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 2003.

TUAN, Yi-Fu. **Geografia Humanística** In: CHRISTOFOLETTI, Antônio. *Perspectivas da Geografia.* São Paulo: DIFEL, 1982.